

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM QUESTÃO: DESAFIOS, CONTRADIÇÕES E INTERFACES METODOLÓGICAS

Maristela Vigolo Fontana, Deise do Amaral Tysaka (co-autor), Elaine Conte (orient)
UNILASALLE - CANOAS

Resumo

Considerando que a interação é fundamental tanto à organização quanto à qualificação do sistema educacional, aprimorando os processos pedagógicos e os sentidos formativos, realizamos uma pesquisa hermenêutica com o objetivo de compreender os impasses da educação a distância na contemporaneidade, do ponto de vista da ressignificação e do fortalecimento da intercomunicação e sua relação com as novas dinâmicas sociais e metodologias. O trabalho aborda questões referentes às interfaces do ensino e da aprendizagem na perspectiva da educação a distância, para a integração e aprofundamento da comunicação na experiência do pensar crítico e da democratização do acesso aos conhecimentos culturais nas variadas formas de produção e disseminação dos saberes.

Palavras-chave: Educação a distância, Interação, Metodologias

Área Temática: Ciências Humanas

1. Introdução

O ensaio propõe refletir sobre os novos desafios, as novas contradições e as dificuldades enfrentadas para a significativa utilização e democratização da educação a distância¹. Torna-se importante observar, por um lado, a institucionalização apressada, a resistência às tecnologias, o subaproveitamento pedagógico e uma formação deficitária (experiência ainda tímida e empobrecida) nos cursos de Pedagogia sobre a EaD, travestida de uma inovação (conservadora de um esquema operacional de 'serviço lucrativo') e, por outro, a potencialidade de incentivar metodologias diversas nos processos de ensino e aprendizagem na prática social da EaD, de acesso ao conhecimento mediado por experiências de criação compartilhada, participação interativa na socialização e atualização dos saberes da comunicação *on-line*. Vivemos hoje a transformação de uma "cultura do ensino" (centrada ora no professor ora no estudante) para uma "cultura da aprendizagem" social, que se consolida na conversação entre os sujeitos agentes, que aprendem na rede de relações face a face e a distância (PETERS, 2003). Do ponto de vista das particularidades da EaD, Peters (2003) defende que o ensino a distância conserva o processo mercadológico e industrial de trabalho, privilegiando a organização economicista dos sistemas capitalistas de produção, que promove a inserção e inclusão dos recursos e instrumentos, mas

¹ No Brasil as expressões "ensino a distância", "teleeducação", "educação aberta" e "educação a distância" surgiram nos anos 60 em substituição ao que se denominava de "ensino por correspondência". Mas os processos de EaD enquanto conhecimento em rede, tiveram abertura nos sistemas educacionais, principalmente a partir dos anos 90. A modalidade EaD surge como alternativa às atividades presenciais de educação e como possibilidade tecnológica de comunicação maciça e bidirecional à prática educativa mediatizada. Associado ao crescimento da pesquisa sobre EaD, a história da EaD e sua evolução mostra experiências importantes que servem para repensarmos a função das universidades no futuro, e estão modificando de diversas maneiras a educação - marcada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, pelo espaço digital virtual da aprendizagem e baseado na Internet. (PETERS, 2003).

dispensa a necessária formação e a educação tecnológica (aprender sobre tecnologia é diferente de usá-la na prática efetiva e na reflexão). Adverte ainda que as universidades não podem ser recriadas apenas pela tecnologia da EaD, sob pena de fracassarem os espaços para a interação social, a socialização acadêmica e o encontro com o outro, como base da educação do futuro. O diálogo autêntico entre as pessoas acontece com todos os sentidos presentes no encontro multidimensional, que para Peters concilia as aprendizagens do mundo real e virtual. Frente à mecanização da educação na ideia do lucro, Peters defende que os professores necessitam resistir ao entusiasmo tecnológico desumanizador do processo de ensinar e aprender.

Estes argumentos deviam ser usados para se responder àqueles entusiastas por tecnologia que acreditam que, por um lado, o ensino face a face, como praticado nas universidades tradicionais, pode ser substituído e, por outro lado, a falta de comunicação direta no ensino a distância pode ser compensada eficazmente e sem muito esforço por meio de e-mails e teleconferências. Sem querer fazer pouco das oportunidades educacionais que o ambiente informatizado de aprendizagem pode proporcionar em combinação com ‘aprender juntos em separação’ e com ‘ensinar face a face a distância’, a auto-ilusão encontrada aqui deve ser apontada. Pontos importantes de uma exposição transmitida tecnicamente são reduzidos e alterados em um seminário virtual (PETERS, 2003, p. 343).

Peters alerta os professores em relação ao deslumbramento geral com as tecnologias, e em particular o relativo à educação, que ameaça a competência comunicativa e a aquisição de conhecimento, pelo fato da oferta de variados tipos de comunicações virtuais (compactadas, aceleradas e globalizadas), que pode tanto contribuir como alienar o processo formativo em função de sua determinação social. Ao diferenciar a educação a distância da educação *on-line* (ambientes informatizados) e da aula presencial, o autor explica que a educação do futuro precisa desenvolver novas abordagens pedagógicas que explorem o potencial singular da educação combinando a educação presencial, a EaD e a educação *on-line*, e para isso designa como fundamental o trabalho do *designer* instrucional. Segundo essa lógica, na virtualidade flutuante (em que as representações virtuais da presença são possíveis apenas por aproximações), a experiência de aprender perde seu sentido de socialização alcançada por contato pessoal, em parte, pela falta de espontaneidade e profundidade na comunicação. Por esse caminho lançamos as perguntas: quais são as novas possibilidades tecnológicas e estratégias pedagógicas que podem ser exploradas para novas aprendizagens em EaD? De que forma os professores podem orientar o debate, mediar leituras e inovar o processo de construção de conhecimento via EaD e ao mesmo tempo formar um sujeito crítico e atuante nas ações sociais em interconexão?

Tendo como referência essas questões, percebemos que estamos vivendo o surgimento de uma nova dimensão política com a “era da intercomunicação” presente na internet e também no desenvolvimento das tecnologias móveis (CASTELLS, 2006). Exemplo disso é o uso dos telefones celulares para reclamar das ruas e realizar mobilizações políticas rápidas e descentralizadas. No âmbito da teoria das relações entre a sociedade e a rede, percebemos que o Estado teve um papel decisivo no processo de incentivo e inovação tecnológica, uma força manifestada por intermédio das instituições sociais dominantes de cada época. Na verdade, a técnica é uma dimensão constitutiva do ser humano e um desafio à inteligência coletiva, pois implica a transformação científica e tecnológica do mundo. A perspectiva da universalização tecnológica e a própria produção do conhecimento parece estar seguindo o modelo que poderíamos denominar de organização horizontal em rede, oferecendo suporte propício para o desenvolvimento da educação a distância. Daí que uma capacidade continuamente melhorada de aprender e inovar com o ensino a distância requer metodologias interativas, engajadas em contextos variáveis e imprevisíveis, próprios da criação e expressão do ser humano no mundo, em

termos de linguagens virtuais compartilhadas por meio de redes de relações, onde reside o nosso esforço de pesquisa.

Retomamos, então, que a perspectiva da EaD surge como uma nova forma de saber e de dialogar com a realidade, possibilitada pela mediação de diferentes técnicas e metodologias pedagógicas, já que engloba a experimentação na mobilidade constante propiciada pela interação com as novas tecnologias. Além disso, o uso das ferramentas utilizadas nas metodologias de aprendizagem a distância incorporam visões flexíveis de leitura, escrita e fala, promovendo o intercâmbio do conhecimento entre as pessoas, bem como diferentes implicações culturais à educação tradicional. Nesse sentido, a atual geração de nativos digitais não tem receio de se expressar e de lutar por aquilo que faça sentido, que desafie, que ajude a empreender e (re)construir um mundo melhor, em direção à inovação, à imaginação, à pesquisa livre na ciberdemocracia planetária (LEMOS; LÉVY, 2010). Nas escolas, os professores tentam se apropriar dessa cultura híbrida de inclusão digital para que sua profissão continue tendo repercussões sociais, considerando a evolução das comunicações e as novas possibilidades de desenvolvimento que essas mudanças abrem para o conhecimento, a liberação da expressão e a democratização dos saberes na era digital. Embora os jovens estejam na vanguarda da conexão, as distâncias que separam jovens e adultos estão diminuindo em proveito da construção de práticas colaborativas que mobilizam novas maneiras de conhecer, ensinar e aprender.

Efetivamente, muitos são os profissionais que conseguem alavancar ideias e aproximar os estudantes das interlocuções tecnológicas nas redes sociais para que, juntos, possam construir relações e projetos que enfatizem o prazer de aprender. Este é o desafio a muito já falado na educação, que propõe contextualizar os saberes trabalhados na escola, envolver os estudantes na construção de projetos, superar distâncias entre os participantes do processo de ensino e de aprendizagem e ir além da velha máxima de que o professor é detentor do conhecimento. Tudo isso, a fim de reconhecer uma formação comunicativa e interativa em redes de troca e de colaboração mútua, que permita ampliar as diferentes formas de interagir com a pluralidade de mundos (LEMOS; LÉVY, 2010).

Com relação à EaD, cabe notar que lidamos com sujeitos de uma cultura heterônoma, direcionada para um público adulto, que já possui condições sociointeracionistas e afetivas para realizar uma autoaprendizagem distanciada do olhar do professor. O ambiente virtual de aprendizagem contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual que é fundamental na formação universitária e por isso precisa ser compreendido no interior dos processos culturais e de comunicação educacional. Os cursos universitários a distância estão associados ao desenvolvimento intenso da linguagem escrita num mundo da comunicação livre, sem entraves, democrática e global, características estas, que podem se constituir em vantagens frente aos cursos presenciais. Na EaD a comunicação intersubjetiva se dá basicamente através de textos, ao contrário do que ocorre no ensino presencial, diagnosticado pela detenção da oralidade. Pensar uma ação educativa que faça justiça ao desenvolvimento das capacidades relacionadas à linguagem escrita é fundamental para a formação acadêmica e profissional.

Neste ensaio iremos refletir sobre a experiência de EaD, tendo como foco o desenvolvimento do diálogo crítico com a realidade. Nas teorias educacionais, a percepção mais consensual da arte de argumentar de modo autorreflexivo e utilizando o pensar crítico refere-se “à capacidade de reconhecer e derrotar a injustiça social” (DAM; VOLMAN, 2004, p. 362). Cabe notar que as demandas do mercado profissional induzem-nos a uma qualificação constante para nos manter ativos e trabalhando, em estado de aprendizado incessante, para dar conta da geração de conhecimento, já que precisamos aprender e produzir conhecimento ao mesmo tempo. Dessa forma, com a EaD intensifica-se o trabalho do professor, visto que obviamente a escola e todo o sistema educacional passam a funcionar com outros tempos e em múltiplos espaços para atender a uma geração de processamentos simultâneos. No entanto, as práticas pedagógicas de EaD podem enriquecer a cultura educativa e tornar os sujeitos capazes de atualizar suas potencialidades em ambientes virtuais de aprendizagem, gerando questionamentos, despertando a curiosidade e o diálogo vivo, através do uso do *design thinking* (DT) como estratégia de inovação nas metodologias de EaD.

2. Referencial Teórico e Trabalhos Relacionados

O uso das tecnologias e da educação a distância cresce visivelmente, mas ainda é preciso superar a herança cultural da transposição padronizada de métodos presenciais (ilustrada no leito de Procusto), cuja sucessão acontece por simples substituição, condicionando a formação cultural aos rudimentos da programação e aos limites da transmissão técnica do saber, artificialmente separados do devir humano. Tais metodologias precisam ser reelaboradas e repensadas para dar conta das diferenças, das mudanças e da complexidade dos fenômenos humanos. A educação a distância como um processo de temporalização não se opõe ao real, mas sim aos ideais de verdades preestabelecidas, pois é multitemporal, hipertextual e remete a uma ação a distância que afasta e aproxima ao mesmo tempo e introduz um desdobramento do real ao virtual. Colocar em perspectiva o novo é escapar à representação do mundo da razão moderna e pode significar a emergência da imaginação no mundo contemporâneo. As novas metodologias no contexto digital nos colocam diante de possibilidades variadas de ação e de comunicação e assim somos convidados a ver mais, a ouvir mais, a sentir mais globalmente como cidadãos do mundo (LÉVY, 1993). O processo de comunicação é ação fundamental para a construção da sociedade humana. Dessa forma, é importante compreender que embora a linguagem das tecnologias tenha surgido na educação como modismo político e incorporada, muitas vezes, de forma alienada, ganhou a liberdade de interligar mundos ao cruzar as fronteiras dos conhecimentos disciplinares e abolir distâncias pela palavra. As tecnologias digitais virtuais se apresentam hoje como um fenômeno descontínuo que rompe com a narrativa sequencial das imagens e das formas de conhecimentos, ativando e expandindo domínios que foram relegados.

Cada vez mais é exigida a manifestação dos sentidos humanos, a audição, a visão, o tato, a emoção, a voz, no envolvimento e compreensão das mensagens multimidiáticas, de acordo com o interesse e sensibilidade dos interlocutores. O impacto das tecnologias no mundo do trabalho e nos espaços formativos exigem novos esforços para a ação docente de ensinar e de aprender, inerente a formas de subjetivação e metodologias. Nas palavras de Nóvoa (1996, p. 17), “a inovação só tem sentido se passar por dentro de cada um, se for objeto de reflexão e de apropriação pessoal”. Daí a necessidade de buscar alternativas metodológicas para utilizarmos as tecnologias como meio para fazer o sujeito pensar, educar-se e formar-se com os outros nas múltiplas possibilidades de interação com o conhecimento. Interagindo com diferentes tempos de aprendizado, os sujeitos cada vez mais singulares, múltiplos e em meio à metamorfose permanente, necessitam conviver com todos os espaços sociais e enfrentar de olhos abertos as recentes tecnodemocracias (LÉVY, 1993). Na EaD, as estratégias de ensino e de aprendizagem precisam envolver os estudantes, possibilitar a ação conjunta e a cooperação para que todos passem a se sentir pertencentes a comunidades de aprendizagem e, assim, possam resolver situações de forma coletiva, cooperativa e imaginativa. Reconhecer nesta forma de conhecimento mediado pelas tecnologias mudanças qualitativas nas virtualidades da linguagem já resulta em enriquecer a nossa relação com o mundo dentro de uma perspectiva humanista. Acrescentemos que essas novas metodologias que explorariam virtualidades da conversação vão ao encontro dos projetos de Sancho e Hernández (2006, p. 87-88), pois,

O uso das novas tecnologias é visto agora como um meio para fortalecer um estilo mais pessoal de aprender em que os estudantes estejam ativamente envolvidos na construção do conhecimento e na busca de respostas para seus problemas específicos. Ao mesmo tempo, estão usando suas habilidades para aprender como são utilizados os próprios meios tecnológicos.

A estratégia de envolver os participantes no diálogo sempre foi considerada importante, especialmente nas teorias educacionais. Contudo, muitas vezes, enquanto discutimos sobre os possíveis usos de uma dada tecnologia na educação, algumas práticas metodológicas já se impuseram em forma de modismo. Enquanto ainda questionamos, outras tecnologias emergem na efervescência da criação. De fato, a educação a distância como um dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos meios privilegiados da inteligência

coletiva, assim como desenvolvem sistemas de formação profissional e aprendizagem cooperativa em rede (LÉVY, 1999). As projeções sobre os usos educacionais e sociais mediados pelo computador devem integrar esse movimento permanente de crescimento da força comunicativa, criativa e interativa, de redução nos custos, de democratização e socialização dos conhecimentos e informações. Progressivamente, os movimentos de EaD estão em sintonia com as novas competências cognitivas necessárias para as diferentes formas de trabalho pedagógico que exigem interatividade (aqui a interatividade remete ao virtual), capacidade de experimentação de modelos complexos, sensibilidade, descobertas de fronteiras não-explicítas de conhecimentos, etc. Obviamente, esses ambientes virtuais de aprendizagem com novos dispositivos informacionais e comunicacionais (de laço social e interativo) são hoje os maiores portadores de mudanças culturais, tornando-se um vetor de inteligência e criação coletivas. Em ambientes virtuais de aprendizagem todos partilham os recursos materiais e informacionais de que dispõem, a partir de uma formação continuada por metodologias flexíveis. “Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes ‘disciplinares’ como suas competências pedagógicas” (LÉVY, 1999, p. 171). Nas palavras de Perrenoud (2000, p. 138),

[...] o mundo do ensino, ao invés de estar sempre atrasado em relação a uma revolução tecnológica, poderia tomar a frente de uma demanda social orientada para a formação. Equipar e diversificar as escolas é bom, mas isso não dispensa uma política mais ambiciosa quanto às finalidades e às didáticas.

Lévy (1999) aposta em um movimento social da cibercultura e do ciberespaço, pois percebe nesses movimentos a possibilidade da inclusão social a partir da interconexão, das comunidades virtuais e da inteligência coletiva. O processo de aprendizagem e de abertura ao diálogo coletivo (progresso da liberdade) é arriscado, incerto, sujeito a tentativas e erros, o que o torna paradoxal e difícil, mas alarga o universo de sentido. Não podemos aprender sem curiosidade, sem questionamento na dinâmica dialogante da inteligência coletiva. Questões, diálogos e narrativas só existem no universo da linguagem que abre um processo de aprendizagem.

Essa aprendizagem coletiva se dá pelo princípio da colaboração em rede, princípio que rege a cibercultura em seu conjunto de práticas sociais e comunicacionais. As novas tecnologias de informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços neste início de século XXI, trazendo uma nova configuração social, cultural, comunicacional e, conseqüentemente, política. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 45).

A emancipação em tempo real indica que somos muito mais capazes de imaginar e evoluir, no sentido de estarmos abertos às mudanças dos significados e da liberdade da conversação no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a EaD gera inquietação e cria possibilidades de escrita coletiva, de aprendizagem, de colaboração e compartilhamento de saberes na e em rede, qualificando a prática de autocriação. A potência de um grupo de sujeitos depende da motivação e da capacidade de cada um dos seus membros usar, diversificar e aprofundar os conhecimentos construídos, as ideias e os recursos presentes, que permite também o autoconhecimento, porque a ênfase está na criação de formas de comunicação mais amplas, abertas e multidirecionais. É nesse cenário educacional que tem interesse em promover a palavra, que devemos pensar e fazer surgir a ciberdemocracia como uma importante riqueza em termos de conhecimentos reconstruídos pedagogicamente, de capacidade de ação dialógica e de potência cooperativa. As formas emergentes de conversação, de circulação da opinião e de debate projetam a questão da relação interativa capaz de transformar informação (egocêntrica) em conhecimento válido para todos (dimensão intersubjetiva). Já podemos ver uma produção relevante nessa área, especialmente nos processos comunicativos de se abrir ao outro, no caso

do ensino superior a distância, que tende efetivamente a elevar a qualidade dessas discussões mediadas intersubjetivamente.

Hoje, quase todas as revistas científicas, enciclopédias, jornais e, em breve, as televisões estarão disponíveis gratuitamente na Internet, garantindo maior transparência e acesso à informação, contanto que a conexão esteja assegurada. Há possibilidades de acesso a pontos de vista de um conjunto de atores em debate ou em conflito, fazendo com que a compreensão de mundo torne-se mais complexa e aberta ao outro. Isso revela também que “quanto mais discursos, tanto maior a contradição e a diferença” (HABERMAS, 1990, p. 180). De fato, encontramos textos e hipertextos nos espaços formativos que criam novas aprendizagens de acesso à memória coletiva, ao compartilhamento e a uma rede semântica complexa e mundial. Atualmente, as ligações hipertextuais com comentários, discussões e outras modalidades midiáticas trazem um interessante crescimento da diversidade, pois reúnem pessoas em interatividade que se interessam no trabalho colaborativo de projetos de pesquisa e conhecimento, independentemente das fronteiras geográficas e institucionais. Então, se a EaD representa hoje a reconstrução dos saberes articulada às experiências comunicativas vividas, “a separação no tempo – comunicação diferenciada – talvez seja mais importante no processo de ensino e aprendizagem do que a não-contiguidade espacial” (BELLONI, 1999, p. 27).

Evidentemente que no movimento geral de interconexão há ainda muitos excluídos, mas se a *web* só tornou-se acessível ao público em 1994, o que dizer então do ciberespaço que se desenvolve de maneira quase espontânea e é, provavelmente, o sistema de comunicação com maior expansão e rapidez no mundo em toda história humana (LEMONS, LÉVY, 2010). É a dinâmica conflituosa que favorece a diversidade em todos os domínios da criação, como uma inesgotável fonte de jogo linguístico que motiva e faz das tecnologias na educação um espaço de opinião pública viva, autônoma, tendo por vocação abrir os caminhos às grandes mudanças culturais e políticas. Hoje, “todas as nossas escolhas, compreendendo aquelas de leitura, de visualização e de escuta contribuem para orientar a evolução política e cultural global” (LEMONS, LÉVY, 2010, p. 167).

Ainda não utilizamos as novas tecnologias em sua amplitude na educação, pois a inovação nas práticas pedagógicas não se justifica apenas no uso de recursos tecnológicos, mas passa pelos interesses, sentidos, necessidades e resignificação para o aprendizado, favorecendo assim a dinâmica dos saberes e a interdisciplinaridade. Ressalta-se que “a inovação não está restrita ao uso da tecnologia, mas também à maneira como o professor vai se apropriar desses recursos para criar projetos metodológicos que superem a reprodução do conhecimento e levem à produção do conhecimento” (BEHRENS, 2000, p. 103). Contudo, os processos educativos a distância não podem parar simplesmente no acesso aos conteúdos e materiais técnicos, mas devem ser perseguidos no aprendizado crítico e criativo com o objetivo de melhorar as condições de vida dos envolvidos, criando mecanismos para uma maior inserção social e cultural dos sujeitos, e transformando dialogicamente informação em conhecimento e utilização em apropriação. Mas de que forma as metodologias em EaD podem mobilizar as potências da linguagem, da autoaprendizagem e da expressão humana? As metodologias na educação a distância ainda mantêm lugares fechados, opacos e refratários à liberação da palavra? De que forma o *design thinking* pode sensibilizar projetos desafiadores de aprendizagem em EaD? Estas questões serão exploradas e justificadas nos percursos hermenêuticos da argumentação que segue, mediante as relações que podem ser promovidas e pensadas com o DT como forma de contextualização da EaD ao meio social.

3. Metodologia

A educação a distância como um mundo da prática intersubjetiva cotidiana e um espaço de experimentação metodológica, talvez represente hoje a forma de ensino que melhor responde às dificuldades apresentadas por um estudante, por exemplo, para aprender significados, uma vez que permite suspender alguns impedimentos cotidianos à reflexão-na-ação. No desenvolvimento

das metodologias em EaD, importa, então, repensar as matrizes teóricas dessa discussão, a partir de um diálogo hermenêutico que escape das relações reificadas do mundo sistêmico, porque está situado no plano compreensivo do mundo da vida, e isso traz consequências importantes à educação. Segundo Trevisan (2000, p. 173), “a perspectiva hermenêutica permite facilitar a compreensão dos estudos que aglutinam tendências [...], pois, quando reflete sobre a faticidade do existir concreto e situado, tende a restaurar a diferença como raiz do sentido”. Tal atitude metodológica entende que a interpretação não é unívoca, mas depende do horizonte compreensivo dos sujeitos e a educação pode auxiliar a conviver com essa polissemia das vozes interpretativas. Nosso olhar reconstrutivo, através da investigação hermenêutica, apresenta-se como um caminho para analisar o impacto das metodologias flexíveis associadas à utilização do *design thinking* (DT), na busca de soluções criativas e inovadoras, com base na participação e no agir educativo a distância. Referindo-se à acessibilidade, acreditamos que para a maioria das pessoas, a tecnologia torna a vida mais fácil, mais produtiva e melhora significativamente o convívio social das pessoas. Percebemos que a inclusão promovida pela EaD torna-se viável somente quando, através da participação em ações coletivas, os excluídos são capazes de recuperar sua dignidade na vida em sociedade.

Nesse ponto da argumentação, Gadamer (2002) define a hermenêutica como a busca de compreensão de sentido que se dá na comunicação entre os sujeitos, ressaltando sua importância para interpretação de (hiper)textos, mas também para as condições cotidianas da vida, situadas social e historicamente. Considerando que os computadores são absolutamente incapazes de compreender o significado de palavras ou de frases, cabe destacar que sua força vem do fato de serem capazes de mediar processos comunicativos de aprendizagem e de pesquisa. Também, podem ajudar com todos os tipos de linguagens, tarefas, estruturas e visualizações, sendo extremamente úteis no ambiente *on-line* para criar relações virtuais com diferentes visões de mundo, apreciações e teorias, capazes de seduzir, revelar novos sentidos e desvirtuar. Não acolher o diferente, o estranho, o outro em interação seria o próprio fracasso do diálogo. A experiência hermenêutica acontece justamente na experiência pedagógica do diálogo, que permite romper com as perspectivas niveladoras de conhecimento, conteúdo e metodologia.

4. Resultados e Discussões

As metodologias são contingentes em um sentido profundo, já que estão ligadas às estabilizações provisórias de múltiplos dispositivos materiais e organizacionais, necessariamente suscetíveis de serem reinterpretadas, reexaminadas, capturadas e abandonadas por uma infinidade de protagonistas, e postas à prova nas formas de atuação. Não é possível utilizar uma metodologia sem a atividade hermenêutica de interpretar, de metamorfosear. Certamente, para que as metodologias de EaD sejam flexíveis e favoreçam o vetor de inteligência e as criações coletivas, os participantes precisam se sentir desafiados nos ambientes virtuais de aprendizagem. E isso pode ocorrer através da apresentação dos conteúdos em multimídias e plataformas interativas onde as atividades envolvem os estudantes e dão sentido à ação pedagógica *on-line*. Criar estratégias para EaD pode ser uma atividade coletiva e uma possibilidade para inovação quando associada à utilização do *design thinking* (DT) como metodologia na busca de soluções com base na participação criativa. O DT consiste em analisar situações sob diferentes perspectivas para resolução de problemas através de um trabalho essencialmente colaborativo, composto por equipes multidisciplinares, em busca de soluções inovadoras. O DT prevê três princípios básicos: *empatia*, *colaboração* e *experimentação*. Na perspectiva de Brown (2010), é fundamental compreender o ser humano de forma profunda pela *empatia*, *cocriar* com esse ser humano as soluções (colaboração) e experimentar essas soluções de maneira sensível. Inicialmente, através da empatia será possível “ver o mundo através dos olhos dos outros, compreender o mundo através das experiências alheias e sentir o mundo através de suas emoções” (BROWN, 2010, p. 47). Esta etapa é fundamental para o surgimento de *insights*. O momento posterior à empatia é o de análise das informações, ou seja, esta etapa prevê um breve

estudo de conhecimento sobre o conteúdo apresentado pelo público investigado, esse é um momento de inspiração. Assim, surge a etapa da *colaboração* que, de acordo com Brown (2010), é o momento em que a equipe de profissionais se reúne para conversar sobre a realidade conhecida de forma amigável e busca soluções para resolver os principais problemas identificados. A utilização da técnica de *brainstorming* é o passo mais indicado para o surgimento de novas ideias e criação de novas escolhas. Esse é o momento em que todos poderão dar vazão a seus pensamentos, constituindo um espaço para a criatividade coletiva (PINHEIRO; ALT, 2011).

Cabe destacar que após o momento de cocriação e colaboração, surge a *experimentação*, última etapa definida para o DT. É o momento de execução das boas ideias, diante da qual os atores podem assumir uma atitude crítica. Para Pinheiro e Alt (2011, p. 115), é parte inseparável do processo de construção do raciocínio, tornando acessível e “possível externar as ideias de maneira que possam ser compreendidas e complementadas por outras pessoas”. Com o conceito de experimentação é possível avaliar as possibilidades e corrigir eventuais problemas ou dificuldades de toda atuação na práxis. No *desing* é a fase de implementação de protótipos.

Em geral, a empatia no processo virtual ocorre quando o próprio professor abre espaços para o diálogo, que inicialmente pode provocar estranhamento, desestabilizar, mas constitui-se num modo de aproximação do outro pela abertura que se instaura na rede de relações. Mas se desenvolve também quando o professor se projeta como aprendente ou então quando deseja ouvir o que os estudantes têm a dizer sobre suas experiências, entendimentos, lançando uma pergunta como convite ou desafio que serve para repensar as metodologias utilizadas nos ambientes virtuais. Para tanto, a criação de fóruns de discussão e livre adesão para avaliação das práticas, questionários e até mesmo tarefas configuradas em ferramentas individuais podem ser possibilidades para conhecer as opiniões dos outros sobre os espaços coletivos de aprendizagem, sobre os conteúdos disponibilizados e atividades construídas, sempre suscetíveis a novas interpretações, revisões e atualizações.

Cabe lembrar que a equipe de *designer thinkings* pode ser constituída por professores, tutores, gestores e equipe administrativa, uma vez que qualquer profissional pode ser um *design thinking*, desde que tenha conhecimento e interesse sobre o assunto. Neste ponto, a educação pode utilizar este protótipo em EaD para ser o projeto piloto de um curso e/ ou disciplina, por exemplo. A evolução do sistema para EaD pode ser visualizada através da criação de novas metodologias flexíveis para ambientes virtuais, que busquem inovar as práticas interconectadas. O esforço para consolidar o DT prevê a avaliação constante e processual das experiências de aprendizagem após a experimentação, desenvolvidas como um jogo dialético de saberes e competências para uma sugestão heurística de recriação de conhecimentos. Conforme percebemos, a repercussão dessa metodologia na educação presencial ou a distância pode auxiliar na constituição de aprendizagens formativas, colaborativas, participativas, diferentes, criativas e curiosas pela disposição em aprender, desde que os educadores tenham boa vontade para motivar as novas gerações, no sentido de projetar a educação pela pesquisa e pelo reconhecimento do outro, e usem na interface, tanto quanto possível, metáforas próximas à vida cotidiana para animar a rede de conversações. Cria-se, assim, uma nova “ecologia de aprendizagem” irrestrita a aprendizagem a distância, pois torna-se também uma aprendizagem social e aberta, afinal de contas, “a oralidade e a escrita representam, com a informática, o deslocamento dos centros de gravidade do saber de intramuros para círculos exteriores, inimagináveis até vinte anos atrás” (NISKIER, 1999, p. 64).

5. Considerações Finais

A atual geração anseia por estratégias de ensino e de aprendizagem diferenciadas e amplas, sendo que os usos das tecnologias relacionadas à educação a distância nem sempre garantem a inovação esperada pelo entrave à mediação *on-line*. O desenvolvimento da capacidade de escrita, expressão e argumentação é um momento necessário para o processo autocrítico realizado no modo de EaD. Ao invés de simplesmente indicar qual a solução correta

para o problema, o ensino superior a distância requer uma efetiva interação entre os estudantes, os professores e tutores, com o cuidado de conduzir todos os participantes na produção do argumento e, conseqüentemente, do conhecimento. Para construir pontes, as teorias comunicacionais nos lembram que a conexão e a desconexão com os outros são parte da nossa constituição como sujeitos individuais e coletivos. Portanto, os espaços de interrelação e intercomunicação são decisivos. Tudo indica que a EaD pode nos ajudar a romper com o empobrecimento da tradição reprodutivista e nos estimular a planejar e reinventar o mundo. Para Marcuse (1973, p. 74), os sujeitos têm de aprender a desenvolver diferentes sensibilidades e essa vinculação de disposição comunicativa para a formação do mundo social indica que “[...] a sociedade existente é reproduzida não só na mente, na consciência do homem, mas também nos seus sentidos”.

Ao final desta investigação, constatamos que é fundamental que o professor tenha formação continuada para o uso e a ressignificação das novas metodologias. Além disso, os recursos metodológicos do DT favorecem o aprender dinâmico e desenvolvem o raciocínio, a imaginação e a criatividade dos conteúdos. Portanto, a educação a distância necessita rever suas metodologias, adequá-las às culturas dos jovens, adultos e crianças, respeitando suas preferências e possibilidades imaginativas. Tudo indica que as transformações pedagógicas estão norteando os processos de ensino e de aprendizagem a distância, quando contemplam metodologias interativas que possibilitam, para além da transposição dos processos didáticos de ensino, a construção da autorreflexão e da aprendizagem autônoma e ativa do sujeito, superando a linearidade da formação tradicional. Nesta abordagem de conhecimento reconhecemos as virtualidades da linguagem para enriquecer a nossa relação com o mundo, contemplando assim, uma concepção libertadora e formativa que possibilita ampliar o conhecimento científico e inovar em termos pedagógicos, técnicos e metodológicos. Contudo, ficou evidente que além da importância da infraestrutura técnica, o sucesso do ambiente virtual de aprendizagem está relacionado à dimensão pedagógica, às metodologias utilizadas e aos aportes teóricos que permeiam e referendam a Pedagogia, de forma a acolher as demandas dos participantes e entusiasmar os processos de aprendizagem em EaD. Sem dúvida, os professores buscam inovações nas metodologias interativas de valorização dos saberes para pensar juntos e construir experiências significativas de aprendizado recíproco com seus interlocutores. O aprendizado, no sentido amplo, é também uma busca constante, que não deve ser isolada, mas pode ser mobilizada coletivamente. Na era do conhecimento e da intercomunicação, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar sua linguagem e sua capacidade de construir conhecimentos na esfera social. Atingir uma mobilização nesse sentido pode estar em uma equipe de profissionais dispostos a conhecer as necessidades dos estudantes e a desenvolver soluções que busquem tornar as experiências educacionais mais atrativas, dialógicas e emocionalmente satisfatórias, valorizando a diversidade humana. Como estratégia para criação de práticas virtuais está o *design thinking*, que busca o envolvimento com o público e a experimentação de alternativas para superar as limitações e hierarquizações encontradas, mas também traz imensos desafios frente à minimização e intensificação do trabalho pedagógico, a ampliação do número de estudantes, a mercantilização dos conhecimentos (de subserviência e de alienação) e a utilização da EaD como um modelo de substituição tecnológica. Em suma, as interfaces criadas com a metodologia do DT servem como tendência alternativa de ver, conceber e organizar outras práticas pedagógicas virtuais e podem contribuir efetivamente para a criação e potencialização de novas visões contextualizadas e interligadas à práxis da intercomunicação educativa, a partir da mobilidade e flexibilidade no campo formativo e crítico das mediações *on-line*.

Referências

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

BROWN, Tim. **Desing Thinking**. Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CASTELLS, Manuel. A era da intercomunicação. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=1915>>. Acesso em 10 ago. 2015.

DAM, Geert ten; VOLMAN, Monique. Critical thinking as a citizenship competence: teaching strategies. **Learning and Instruction**, nº 14, p. 359–379, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II: complementos e índice**. Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARCUSE, Herbert. **Contra-revolução e revolta**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

NISKIER, A. **Educação a distância: a tecnologia da esperança**. São Paulo: Loyola, 1999.

NÓVOA, António. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema. In: SERBINO, Raquel et al. **Formação de professores**. São Paulo: UNESP, 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição: tendências e desafios**. Trad. de Leila F. de Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

PINHEIRO, Tennyson; ALT, Luis. **Desing Thinking Brasil: empatia, colaboração e experimentação para pessoas, negócios e sociedades**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TREVISAN, Amarildo L. **Filosofia da Educação: Mímesis e Razão Comunicativa**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2000.